

Afinal, o que é protestar?

CES foi à escola e falou sobre protesto

Carina Leal

■ São os protestos dos camionistas. Foram os da Geração à Rasca. Continuam a ser os dos professores. A sociedade tem protestado/lutado pelos seus direitos. Ontem, o Centro de Estudos Sociais (CES) foi à Escola Básica 2,3 Martim de Freitas, em Coimbra, e conversou com alunos do 2.º ciclo sobre “O Protesto em Sociedade”. O mote “quando se luta, nem sempre se ganha, mas se não se luta, perde-se sempre!” serviu de ponto de partida.

Ana Raquel Matos e Hugo Dias, os investigadores responsáveis, lançaram um desafio aos alunos: «e se na tua escola decidirem que os intervalos para a tua turma vão passar a ser apenas de cinco minutos?». Engane-se quem ouse pensar que estes alunos se limitaram a ouvir. Estiveram sim em interacção permanente com os investigadores, mostrando que



ALUNOS DA MARTIM DE FREITAS participaram entusiasticamente na sessão

são atentos e críticos quanto à sociedade que os rodeia. Para descobrir afinal em que consiste isto de protestar, como se faz e quais os resultados possíveis, fizeram um jogo.

Perante a eventualidade de um intervalo tão curto, não esconderam que ficavam “zangados”, “revoltados”, “chatea-

dos” e “à rasca”. Houve mesmo quem dissesse: «ficava com vontade de tentar organizar um protesto para os fazer mudar de ideias». Segundo Ana Raquel Matos, «se calhar para falar de protesto, temos de falar de democracia». Houve um dedo que se levantou para afirmar que «na democracia, podemos dar a

nossa opinião. Na monarquia não podíamos escolher o rei. Na democracia podemos votar». Falaram de liberdade de expressão, dos protestos no Médio Oriente, até que regressaram ao intervalo.

Como protestar? Disse alguém que se «devia falar com as pessoas que tomaram a deci-

são». E, caso não houvesse diálogo, o que fazer? «Partir para a violência?», perguntou a investigadora. «Não», respondeu a sala. Não se importar com a decisão tomada? Ou protestar? Decidiram que importava protestar. Mas, como? O jogo levou-os assim até à necessidade de organizar um protesto e de tentar perceber quem estava a ser afectado para, depois, mobilizar.

Abordaram as faixas que, de acordo com Hugo Dias, devem ter «mensagens claras e fortes». «Queremos igualdade», «queremos respeito», «queremos intervalos maiores», «abaixo os 5 minutos», foram algumas possibilidades apresentadas. Só utilizavam faixas? «Camisolas», «megafone», «abaixo-assinado» foram outras soluções apresentadas. «Tens o direito de te manifestar, não tens o direito de estragar», alertou Ana Raquel Matos. Panfletos, sms's. Chegaram às canções que os levaram a recordar os Homens da Luta e a Deolinda. «As formas de acção colectiva têm de ser bem pensadas. É preciso pensar na melhor maneira para demonstrar que estamos insatisfeitos e quere-

mos justiça», destacaram os investigadores. «Os meios de comunicação social fazem com que os protestos tenham sucesso ou não, porque lhes dão visibilidade», acrescentaram. «As pessoas concentram-se num espaço público». Presença frequente é a das forças de segurança. «Sabem porquê?», questionou Ana Raquel Matos. «Para evitar que haja actos violentos». Justificou-se, assim, a necessidade de informar o Governo Civil até dois dias antes do protesto.

Os alunos consideraram que vale a pena protestar. De acordo com Hugo Dias os protestos podem ter vários resultados em: «a causa é ganha, a causa não é ganha ou as pessoas concluem que para ganhar é precisa persistência».

Esta sessão decorreu no âmbito da iniciativa “O CES vai à escola”, que se assume como um espaço de encontro e partilha entre investigadores e estudantes. Ao abordar diversas temáticas, está a divulgar as Ciências Sociais e Humanas. Mais informações em <http://www.ces.uc.pt/extendido/cesvaiescola/>.

FIGUEIRO